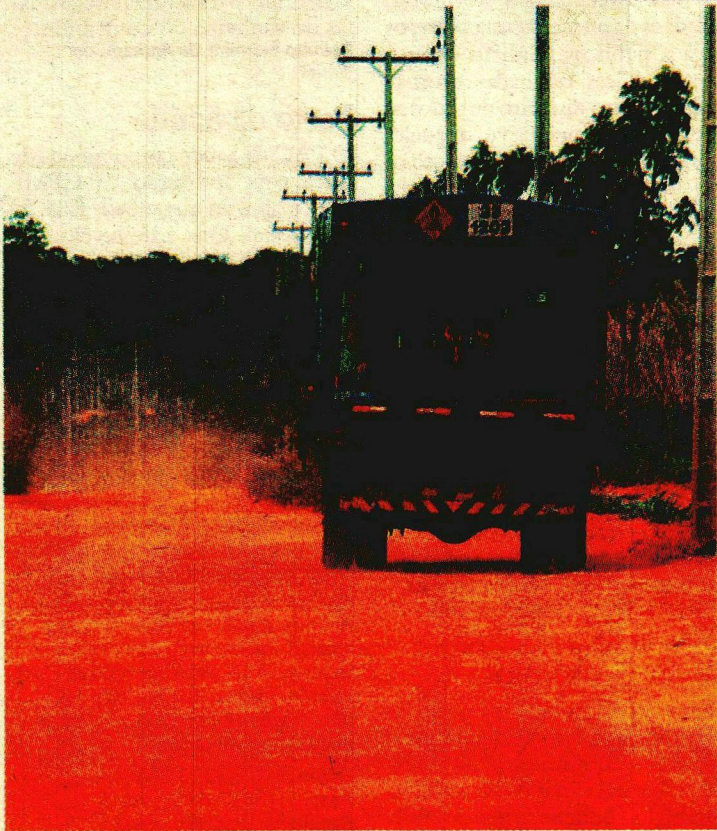




QUANDO não chove, a poeira também é insuportável para os moradores

Areia da região ajudou a construir a capital

A Associação de Moradores da Vila Basevi existe há 17 anos, mas a comunidade começou a se formar na época da construção da capital. A aposentada Selita Santana Ferreira, 74 anos, conta que foi a primeira pessoa a chegar no local. Aos 14 anos, ela, o marido e um filho vieram no Pará para o DF.

— Foi invasão mesmo. Tudo aqui era meu. Chegava um pobre e eu deixava montar o barraco. A vila cresceu e hoje eu não tenho mais nada — diz.

Dona Selita lembra que havia um areal na região. De lá, saiam caminhões que levavam a matéria prima para erguer as edificações de Brasília.

— Era cheio de mato, bicho, tinha até tamanduá que vinha pedir comida na minha porta — comenta.

Hoje, a aposentada também revolta-se com o descaso com os moradores da vila. Ela reclama da falta de transporte público. Há apenas um ônibus que faz ligação direta com o Plano Piloto. Mas a linha só circula uma vez pela manhã e outra

à noite. Durante o resto do dia, os moradores precisam pagar R\$ 3 para ir da comunidade até o Balão do Colorado — um percurso de aproximadamente 5 quilômetros. Depois, é necessário pegar outra condução para chegar ao centro da cidade. A passagem também é de R\$ 3.

Sem transporte

A falta de transporte público obriga muitos a utilizar o carro para chegar à vila. A professora Janaína Batista, 34 anos, faz o percurso Sobradinho/Basevi para chegar ao trabalho, na única escola da região.

— Não há amortecedor que agüente. A cada seis meses preciso fazer uma revisão no meu veículo — diz.

Janaína esclarece que o problema da poeira deixa muitos alunos doentes durante o ano inteiro. Em agosto, mês mais intenso de seca, as ausências aumentam.

— Não entendo a justificativa do Ibama para não asfaltar essa estrada. Acaba a rua, começa uma fábrica,

com terreno pavimentado. Isso é porque os empresários têm dinheiro e os moradores não têm? — questiona.

— Se chover, o bicho pega, se fizer sol, o bicho come — comenta outra professora, Flávia Ribeiro, 34 anos. Segundo ela, as pessoas que andam a pé somem no meio da poeira durante a época da seca.

O comerciante Valdomiro Schaly, 48 anos, afirma que todos os fornecedores de seu açougue reclamam da má conservação da pista principal. Ele explica que, há um mês, alguns moradores se uniram para colocar brita em uma parte da via para diminuir o atoleiro provocado pelas chuvas.

A dona de casa Maria de Jesus Pacheco, 39 anos, reivindica a construção de uma creche. Mãe dois filhos pequenos, ela também aponta para a falta de um posto de saúde no local.

— O bom daqui é que é calmo, não tem violência. Mas, fora isso, falta quase tudo — diz. (C.V.)